

**APONTAMENTOS E SINGULARIDADES DA REPRESENTAÇÃO NEGRA EM  
MACHADO DE ASSIS E EM INGLÊS DE SOUSA**

**APPOINTMENTS AND SINGULARITIES OF THE BLACK REPRESENTATION IN  
MACHADO DE ASSIS AND IN INGLÊS DE SOUSA**

Cristiane de Mesquita Alves  
Mestre em Comunicação, Linguagens e Cultura<sup>1</sup>  
Universidade da Amazônia  
([cris.mesquita28@hotmail.com](mailto:cris.mesquita28@hotmail.com))

Joyce Cristina Farias de Amorim  
Mestre em Comunicação, Linguagens e Cultura<sup>2</sup>  
Universidade da Amazônia  
([joyce.crisamorim@hotmail.com](mailto:joyce.crisamorim@hotmail.com))

**RESUMO:** O objetivo deste artigo é analisar a representação do papel do negro associado ao combate, ao engajamento e à afirmação cultural a partir da leitura das singularidades presentes nas práticas afros observadas em Bárbara, Cabocla do Castelo, uma das personagens do romance **Esau e Jacó** de Machado de Assis, e de Paulo da Rocha, do conto **O Rebelde** do livro **Contos Amazônicos** de Inglês de Sousa, com o intuito de aproximar nessas duas figuras a situação do negro diante realidade social exemplificada nas obras. Para tanto, essa investigação se fez com base nos pressupostos teóricos de Trípoli (2006), Ianni (1988, 2004, 2005) e Alves (2017), os quais desconstruem as imagens e as máscaras sobre a recepção do negro na obra de Machado de Assis, bem como Proença Filho (2004) e Sérgio Buarque de Holanda (1995), em suas análises da trajetória do negro na Literatura brasileira, além de Amorim (2017) e Bosi (2006), no que concerne à questão da figura do negro/ caboclo de Paulo da Rocha em Inglês de Sousa.

**Palavras-chave:** Negro. Apontamentos. Singularidades.

**ABSTRACT:** The objective of this article is to analyze the representation of the role of the black associated to the combat, the engagement and the cultural affirmation from the reading of the singularities present in the afro practices observed in Bárbara, Castle girl, one of the characters of the novel **Esau and Jacó** by Machado de Assis, and Paulo da Rocha, of the tale **The Rebel** of the book **Amazonian Tales** by Inglês de Sousa, with the aim of bringing the situation of the black facing social reality exemplified in the works. In order to do so, this research was based on the theoretical assumptions of Tripoli (2006), Ianni (1988, 2004, 2005) and Alves (2017), who deconstruct the images and masks about the reception of the black in Machado Assis's work, as well as Proença Filho (2004) and Sérgio Buarque de Holanda (1995), in his analyzes of the trajectory of black in the brazilian Literature, besides Amorim (2017) and Bosi (2006), regarding the question of the figure of the black / cabloco by Paulo da Rocha in Inglês de Sousa.

**Keywords:** Black. Appointments. Singularities.

<sup>1</sup>Doutoranda em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC- Universidade da Amazônia). Bolsista Prosup/CAPES. Integrante do Grupo de Pesquisa Interfaces do Texto Amazônico. (GITA).

<sup>2</sup>Doutoranda em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC- Universidade da Amazônia). Professora da Seduc-PA.

## Notas introdutórias

O negro se defronta com uma história difícil, uma longa história de alienação; e, simultaneamente, uma ideologia racial evasiva, enganosa, perversa, cruel. (IANNI, 2005, p. 12).

O negro e suas representações nos enredos das obras literárias estão associados à ideia de luta e de engajamento social como formas de resistências e a práticas constantes que estão a serviço de sua afirmação cultural, desde a formação da Literatura Brasileira até hoje, com adventos de movimentos de revalorização da Literatura Afro-brasileira. É bem verdade que muitos autores negaram voz, enquanto puderam a questão da África no Brasil, e, outros que não se silenciaram, foram marginalizados do cânone literário vigente em relação ao estudo sobre esta temática; entretanto, dentre os autores canonizados que **aparentemente** não fez força a questão social do negro, está Machado de Assis, um autor também descendente de escravos alforriados.

Usa-se o termo em destaque, porque de fato Machado de Assis não desprezou as demandas escravocratas em sua obra, isso se deve ao fato de “a história da sociedade brasileira, no século XIX, está (r) presente na obra de Machado de Assis” (TRÍPOLI, 2006, p. 89), o que se percebe, é que a seu modo, sádico e irônico, o Bruxo do Cosme Velho não se calou; com sua sutileza e sua pena de fel denunciou as práticas atroztes dos brancos em relação aos negros, e de certa forma, também valorizou as singularidades das práticas afros em seus textos, como se observa em Cabocla do Castelo, a pequena negra vidente do Morro do Castelo, que adivinhava a sorte de quem a ia procurar e pagar para designar o futuro, como faziam muitos na sociedade carioca ficcionalizada no final do século XIX, como se observa na obra desse autor.

Além disso, Machado de Assis é apontado ao lado dos autores Cruz e Souza e Lima Barreto, por Ianni em seu texto **Literatura e Consciência**, em 1988, como um dos escritores que “criaram famílias literárias fundamentais da literatura negra” (IANNI, 1988, p. 92). No entanto, esse universo humano, social, cultural e artístico representado pelo negro na Literatura Brasileira não está explícito de forma plena. Em muitos dos textos desses escritores, o negro pode aparecer em fragmentos, poucos estruturados, e há mesmo nas obras nas quais ele parece recôndito, invisível,

sublimado, esse parece ser o caso de Cruz e Sousa e Machado de Assis. Nesses autores o tema da negritude estaria de forma implícita e subjacente.

Semelhante realidade social, em relação à representatividade do papel social dos negros não ficou isenta dos textos do escritor paraense Inglês de Sousa, contemporâneo de Machado de Assis, “causídico e perito em letras de câmbio” (BOSI, 2006, p. 192), Inglês de Sousa não se absteve de apontar, ridicularizar as ações do branco diante da cultura e sapiência dos negros, como se comprova pela leitura de Paulo da Rocha, personagem que não se silencia diante dos preconceitos racistas das beatas da Igreja ou do pai de Luis, português e branco. Embora este autor, assim como Machado de Assis, não tematize o negro como uma frequência em seus textos, uma vez que sua obra está mais voltada para discussões sobre os temas de imaginário, de identidade e de cultura que abordam a Literatura de Expressão Amazônica (AMORIM, 2017), Inglês de Sousa também deu voz ao negro, por meio da ação de Paulo da Rocha, um dos protagonistas do enredo de um dos contos mais longos de seu livro **Contos Amazônicos**, publicado originalmente em 1893, formado por uma “variedade de figuras provincianas [que] encontraram a versão justa na prosa lenta e unida do escritor paraense. [...] [por meio] da reprodução dos costumes amazonenses” (BOSI, 2006, p. 193).

Diante disso, é que se pretende analisar neste artigo, alguns apontamentos sobre a condição do negro na obra de Machado de Assis e na de Inglês de Sousa, elencando as passagens das obras que expressam a ação dessas duas personagens singulares da ficção desses autores, capazes de evidenciar a trajetória do negro no discurso literário nacional, por meio dos posicionamentos do que representa ser negro e de se valorizar, enquanto negro, comportamentos analisados nas duas personagens em estudo.

Nesse viés, depreende-se que Inglês de Sousa, ao confeccionar o discurso de seu mulato, velho do outro mundo, preto velho (SOUSA, 2005), estava conferindo-lhe uma posição de negro- sujeito de atitude compromissada; por outro lado, Machado de Assis, ao se valer de suas constantes comparações da vidente negra e pobre do Morro do Castelo a outras videntes deusas nobres, de certa forma, também estava colocando-a, a exercer um papel social naquela sociedade moldada por costumes brancos e burgueses, ironicamente, comparando-se a si próprio, como um negro

falando de outro negro, grosso modo, um negro que circulava entre os brancos, criticando-os pelas metáforas da Literatura.

Assim, Bárbara e Paulo da Rocha por seus traços singulares, representam o discurso do negro que sabe de seu lugar de fala, conferindo-lhe valor e resistência cultural, responsável pela constante luta de reafirmação de suas crenças, por intermédio das “fontes simbólicas de iluminação para encontrar seus apoios no mundo” (GEERTZ, 2008, p. 33), gravadas no corpo ou na mente de quem lança uma luz sobre a significação cultural de seu povo. Desse modo, entrelaçam-se essas representações para compreender como se processa o modo pelo qual, os dois personagens constroem esse discurso.

Para isso, empregou-se o método de Literatura Comparada baseada no princípio de entrelaçamento literário que de acordo com Pichois & Rousseau (2011), são esses entrelaçados de textos que fazem coexistir um estudo de aproximação e de análise comparativa entre os textos de Literatura, além do uso de uma metodologia interpretativa, baseada na revisão de literatura de teóricos, selecionados no decorrer deste estudo.

### **Algumas reflexões a respeito do Negro em Machado de Assis**

E a filha, não tendo mais nada a dizer, ou não sabendo que explicar, dava aos quadris o gesto da toada, que o velho repetia lá dentro:  
 Menina da saia branca,  
 Saltadeira de riacho,  
 Trepame neste coqueiro,  
 Bota-me os cocos, abaixo,  
 Quebra coco, sinhá,  
 Lá no cocá,  
 Se te dá na cabeça,  
 Há de rachá [...]  
 Muito hei de me rir, [...], de gostá,  
 Lelé, cocô, naiá. (ASSIS, 2002, p. 17).

A discussão sobre a temática negra na Literatura Brasileira teve presença mais significativa a partir do século XIX, sobretudo com os textos de Castro Alves com a publicação do livro **Os Escravos**, embora desde o século XVII, esse tema já fosse notório e com bastante expressão nos versos satíricos e demolidores de Gregório de Matos Guerra.

Muitos autores abordaram a temática, como Aluísio Azevedo no romance **O Mulato**, Adolfo Caminha em **Bom-Crioulo** dentre outros; e Machado de Assis não escapou à temática recorrente e presente na sociedade em que viveu na segunda metade do século XIX, bem como também não se ausentou dos acontecimentos históricos de seu tempo. Machado de Assis vivenciou o cotidiano das leis que legitimaram direitos aos escravos, em especial **A Lei Áurea** de 13 de maio de 1888, manifestando suas críticas mordazes em crônicas, como a do dia de 19 de maio de 1888, registrada no Jornal **A Gazeta de Notícias**, sob o pseudônimo Lélío, sobre a questão do fim da escravidão no Brasil, além dos dois contos mais populares que envolvem a questão dos escravos, **O caso da vara e Pai contra mãe** como afirma Proença Filho (2004).

Machado de Assis nesses contos e crônicas, não se centraliza especificamente na questão étnica, “mas no problema do egoísmo humano e da tibieza de caráter” (PROENÇA FILHO, 2004, p. 172). Em seus textos, os tipos negros ou mestiços participam frequentemente como figurantes em histórias que, “no nível do conteúdo manifesto ou do realismo de detalhe, constituem reflexo da realidade social que pretendem retratar” (PROENÇA FILHO, 2004, p. 172).

Por mais que o negro não tenha protagonizado veementemente seus textos, essa figura enquanto personagem ficcional não está fora do panorama das criações de sua ficção. Isso se deve ao fato de o autor ter sua própria subjetividade negra empreendida por sua experiência negra advinda do próprio meio social de sua origem; Machado de Assis era descendente direto de negros. Seu pai mulato, Francisco José de Assis, pintor de paredes e descendente de escravos alforriados, e de Maria Leopoldina Machado permitiram a ele toda uma construção de uma literatura peculiar, em um universo literário de hegemonia branca, Machado de Assis enquanto figura de descendência negra, já representava nesse meio, a própria resistência.

Ademais, Machado de Assis “ironiza os donos do poder e seus ideólogos, procurando apagar a escravatura na história. Em meio a um riso fino e contundente, satiriza a mentalidade dos donos do poder” (IANNI, 1988, p. 94); Machado de Assis ao sugerir que a escravidão sirva de fundo a sociedade, compreende que essa marca amarga na História do Brasil, não pode ser apagada e precisa ser questionada, criticada. Diante disso, “Sim. Machado de Assis pode ser um clássico da literatura negra, assim como o é da brasileira” (IANNI, 1988, p. 94).

Nesse contexto, embora Machado de Assis não tematize o negro como referência em sua obra, ele mesmo na condição de negro, parece zombar dos brancos quando coloca o seu leitor frente aos seus protagonistas brancos. Desse modo, surgem dois questionamentos: 1) Quem é herói negro de Machado de Assis? 2) Quem é o herói branco de Machado de Assis? Partindo-se dessa premissa e pelas leituras dos textos machadianos, principalmente dos romances, chegar-se-ia a uma inusitada possibilidade de resposta, que todos para Machado de Assis representam o anti-herói, isso pode ser encontrado na leitura de **Memórias Póstumas de Brás Cubas**, por exemplo, dentre outros textos do escritor.

Há em Machado de Assis uma universidade nas temáticas machadianas em relação ao anti-heroísmo de suas personagens, as quais são moldadas pelo interesse material. E, para exemplo dessa situação, buscou-se a descrita nos excertos do penúltimo romance do autor: **Esau e Jacó**, publicado pela primeira vez em 1904.

Desse romance, para esta discussão o que chama atenção são três personagens que estão entre os recordados de Aires, narrador e personagem da narrativa (ALVES, 2017): 1ª) Natividade, burguesa e mãe dos gêmeos protagonistas do romance. Católica, mas, procura nas vidências da Cabocla, respostas para o futuro de seus filhos; 2ª) Perpétua: irmã de Natividade, católica e devota, acompanha a irmã ao Morro, e não perde a oportunidade de ojerizar a Cabocla, os espaços do Morro e as práticas pagãs da moça que aclamava um futuro brilhante aos filhos de Natividade. Perpétua não fazia questão de suavizar seu incômodo diante daquela situação, ela ainda trazia consigo o discurso ideológico “escravocrata, e mesmo o de muitos defensores da escravidão, tinha por recurso e argumento a depreciação do negro, pintá-lo como uma ameaça aos brancos, danoso para a preservação moral dos jovens e da família.” (TRÍVOLI, 2006, p. 105), diferentemente da irmã estava Natividade, a mais interessada diretamente na vidência da Cabocla:

Natividade acabou entendendo a cabocla, apesar de lhe não ouvir mais nada; bastou saber que as coisas futuras seriam bonitas, e os filhos grandes e gloriosos para ficar alegre e tirar da bolsa uma nota de cinquenta mil-réis. Era cinco vezes o preço do costume (ASSIS, 2002, p. 18).

Enquanto a irmã resmungava, Natividade parecia deslumbrada com o futuro de glórias anunciado pelas adivinhações da vidente, representando a ilusão da aparência, a fórmula que levaria a felicidade e satisfação pronunciada pelo rito

africano realizado pela Cabocla diante dos retratos e dos fios de cabelos dos gêmeos. Além disso, naquele ambiente, naquela circunstância, a crença e a cultura da menina pobre, sobressai à polidez burguesa das irmãs, designando de algum modo, a organização de defesa ante a sociedade dos valores dos negros, como mais verdadeiros que os cristãos, equivalendo como uma forma epidérmica do “indivíduo, podendo mesmo servir, quando necessário, de peça de resistência. Equivale a um disfarce que permitirá a cada qual preservar intatas sua sensibilidade e suas emoções.” (HOLANDA, 1995, p. 147), o que se confirma que esta: 3ª) personagem representa nesse mundo machadiano uma figura de singular existência, capaz de pôr em xeque, os valores cristãos dessas duas mulheres devotas. Ela,

Bárbara. [...] Era uma criaturinha leve e breve, saia bordada, chinelinha no pé. Não se lhe podia negar um corpo airoso. Os cabelos, apanhados no alto da cabeça por um pedaço de fita enxovalhada, faziam-lhe um solidéu natural, cuja borla era suprida de um raminho de arruda. Já vai nisso um pouco de sacerdotisa (ASSIS, 2002, p. 15).

Uma mulher pequena, paradoxalmente forte e grande, acaba se tornando como uma bússola que norteia o pensamento das outras personagens burguesas do romance, uma vez que em toda a narrativa, quando se referir aos gêmeos, recorre-se a profecia da Cabocla. E, na base dessas relações, Bárbara mantém um papel nessa forma de organização social, a do trabalho e a dos jogos das forças sociais, “bem como das criações culturais. Praticamente tudo o que constitui a economia e a sociedade, a política e a cultura, compreende sempre algo ou muito da questão racial.” (IANNI, 2005, p. 9), essa criação de sonhos e felicidades é desempenhada pelo trabalho de Bárbara, que se destaca pela apresentação de seu trabalho, o ritual:

A cabocla ia sentar-se à mesa redonda que estava no centro da sala, virada para as duas. Pôs os cabelos e os retratos defronte de si. Olhou alternadamente para eles e para a mãe, fez algumas perguntas a esta, e ficou a mirar os retratos e os cabelos, boca aberta, sobrancelhas cerradas. Custa-me dizer que acendeu um cigarro, mas digo, porque é verdade, e o fumo concorda com o ofício (ASSIS, 2002, p. 16).

Pela descrição, ela ainda é associada à Pítia, sacerdotisa do Oráculo de Delfos, destinada a atender as preces de reis e nobres, essa aproximação da Cabocla do Castelo a “Pítia traduzida em Bárbara – permitindo mediante do paradoxo, a revelação do domínio do banal na situação, por um lado, e da falta de esclarecimento, excesso [...] de malícia [de outro]” (BETELLA, 2007, p. 97), leva a reflexão de que a

Cabocla, embora comparada a sacerdotisa grega, tem um público muito mais abrangente, pois Bárbara atende a todos de todas as categorias sociais, ao contrário de Pítia. Essa provocação de ironia machadiana tem como finalidade associar à vidente popular, cotidiana da Cabocla do Castelo, sacerdotisa de segunda classe, mas acessível a todos, à sacerdotisa Pítia, que em sua sociedade, era acessível apenas a reis e nobres.

Ademais, Bárbara passa pela desconfiança das duas irmãs burguesas que vão em busca de seus serviços de adivinhações, em especial, pelas recriminações de Perpétua. Elas simbolizam o universo social burguês brasileiro, que vê o negro ou descendente pela cor da pele, tal questão, ou seja, a racial foi, tem sido e continua a ser um dilema na formação, conformação e transformação da sociedade brasileira (IANNI, 2004), porém, Bárbara e quem a procura – a maior parte da população do Rio de Janeiro, pessoas carentes – parece não se importar com o que o branco pensa em relação a sua cultura e descendência africana, pois as pessoas confiam nas teias de sentidos dessa cultura, tecida por Bárbara, essa teia que orienta a existência humana (GEERTZ, 2008), formada no romance pelos pequenos objetos que serviram de apoio a vidente, como elementos representativos de um sistema de símbolos que interage entre si, criando possibilidades de significados para cada indivíduo que se identifique com eles. Assim, Bárbara continua recebendo muitas pessoas, Natividade, por exemplo, quando foi receber o número de sua consulta, “recebeu o cartão- porque a consulta era só de uma- com o número 1012. Não há de pasmar do algarismo; a freguesia era numerosa, e vinha de muitos meses.” (ASSIS, 2002, p. 14).

Isso comprova que a freguesia de Bárbara e a aceitação das crenças das pessoas em suas adivinhações era uma realidade, o que se leva a entender que a ação dessa pequena negra, a Pítia do Morro do Castelo, serve para ratificar que ela valoriza a cultura africana bem como sua reafirmação por meio de suas constantes práticas ritualísticas. Semelhante ao que ocorre com Paulo da Rocha no conto de Inglês de Sousa: **O Rebelde**, que não se deixa inferiorizar diante da cultura e dos comportamentos racistas dos brancos; procurava vivenciar suas práticas negras, confirmando suas crenças e valores diante de seus próprios ideais, embora os mesmos confrontassem com os dos brancos.



## Considerações sobre o sujeito negro e o seu lugar em *O Rebelde de Inglês de Sousa*

Enquanto durasse o predomínio do estrangeiro, o negro no sul e o tapuio no norte continuariam vítimas de todas as prepotências, pois eram brasileiros e como tais condenados a sustentar com o suor do rosto a raça dos conquistadores (SOUSA, 2005, p. 121).

Paulo da Rocha dentre as personalidades do texto de Inglês de Sousa ressoa como uma singularidade, tanto quanto Bárbara nos textos de Machado de Assis. Foi um dos “homens de 1817, que proclamavam a igualdade das raças e queriam a liberdade do negro e a reabilitação do caboclo” (SOUSA, 2005, p. 108), representa a própria luta e a resistência das forças contra o branco em épocas de revolução. Aparece no enredo do conto, como um fugitivo de Recife, veterano da Revolução Pernambucana, “era pernambucano, e fora um dos rebeldes de 1817, um soldado fiel do capitão Domingues José Martins, o espírito- santense” (SOUSA, 2005, p. 99), que vem procurar abrigo no pequeno vilarejo da província do Alto Amazonas, instaurando-se com a filha Júlia, na Vila Bela no Pará.

Embora sendo um velho pacato, sineiro da Igreja, amigo do padre João e mais tarde do pequeno Luis – símbolo da herança portuguesa e da dominação naquele lugar simples, Paulo da Rocha não se silencia frente às ameaças e ofensas dos brancos em relação a sua cor, como o pai de Luis, Guilherme da Silveira, que não aceita que o filho mantenha laços afetivos de amizade com o negro, além das beatas da Igreja e a maioria das pessoas que o chamam de velho do outro mundo, associando-o ao demônio, e às crenças malignas: “a fértil imaginação amazonense fizera do antigo revolucionário um personagem misterioso, sinistro e perigoso, de cuja alma já estaria de posse do Inimigo, ainda em vida do corpo” (SOUSA, 2005, p. 100), como se observa ainda no trecho:

As mães de família faziam aos filhinhos a escusada recomendação de fugir às vizinhanças da casa maldita, em que morava o mulato; ou acalentavam as criancinhas, com umas cantigas ingênuas, em que **o velho do outro mundo era comparado ao murucututu de cima dos telhados** (SOUSA, 2005, p. 100, grifos nossos).

Tal identificação pejorativa em relação ao negro leva as pessoas do vilarejo a criarem um imaginário de medo no diz respeito a Paulo da Rocha: “as crianças fugiam à presença do velho, e os matutos benziam-se quando o viam passar [...] Benziam-se

quando viam Paulo da Rocha, uma marca de superstição” (SOUSA, 2005, p. 100); identidade forjada por aqueles que observavam o negro, e perpetuavam uma verdadeira explosão discursiva em torno do conceito de identidade do mal que fora construída para designar o negro velho, “efetuando uma completa desconstrução das perspectivas identitárias [...] de uma forma ou outra, criticam a ideia de uma identidade integral, originária e unificada” (HALL, 2014, p. 103), do negro, sem se permitir a ter outra visão que não seja a visão elaborada pelos ritos cristãos que desvalorizaram os demais, em detrimento de um monoteísmo que culminou no preconceito contra as outras religiões, como as práticas oriundas da África.

Nesse sentido, Paulo da Rocha, descendente dessas outras raças desvinculadas do cristianismo, era visto como um sujeito que mesmo que a sociedade preconceituosa quisesse inseri-lo na marginalidade, silenciando suas atitudes. Na narrativa de Inglês de Sousa, Paulo da Rocha se edifica como um sujeito que sabe qual é o seu lugar de fala, demonstrando-se um homem corajoso, engajado as suas práticas sociais e ideologias. Desse modo, compreende-se sua ação frente ao pai de Luis, o português, branco, rico que tinha ojeriza por sua presença: “Ao entrarmos em casa, meu pai e eu vimos um homem sentado à nossa porta. Era Paulo da Rocha [...] saudou-nos e retirou-se a passos lentos. [...] Para ele a saudação do **velho do outro mundo era um presságio funesto**” (SOUSA, 2005, p. 113, grifos nossos); Paulo da Rocha ignora a opinião do pai de Luis, e como homem honrado que é, promete a Guilherme que salvará o seu filho da fúria do líder cabano: Matias Paxiúba, inimigo do português, “Hesitava em atribuir as suas palavras a atrevimento de negro forro [...] o certo é que o branco e o caboclo se haviam jurado um ódio eterno” (SOUSA, 2005, p. 111).

Também o faz diante de Matias Paxiúba. Paulo da Rocha não recrimina e, por mais que não concorde com a violência truculenta da ação dos cabanos, aterrizando o povo no interior do Estado do Pará, não o impede de lutar por sua causa: cabanos contra os portugueses, por acreditar também no princípio de que “O que o português vinha buscar era, sem dúvida, a riqueza, mas riqueza que custa ousadia, não riqueza que custa trabalho” (HOLANDA, 1995, p. 49). Por isso, compreendeu a luta cabana, assim como entendeu a luta dos escravos, que levou à perda de sua esposa no passado e fez com ele fugisse para o Pará. Era um homem íntegro, que lutava pelos direitos de todos e acreditava na igualdade das raças, respeitava o direito de todos,

apesar das pessoas que não respeitavam ele, e tão pouco atribuíam a ele – ao negro, direitos. Por este motivo, Paulo da Rocha se recusava a enfrentar os cabanos quando o padre João, vigário da paróquia e português, pede-o:

- Bater **os cabanos!** Uns **pobres-diabos que a miséria levou à rebelião!** Uns pobres homens cansados de viver sob o **despotismo duro e cruel de uma raça desapiedada!** Uns desgraçados que não sabem ler e que não têm pão... e cuja culpa é só terem sido despojados de todos os bens e de todos os direitos. E quem disse ao senhor padre João que eu, Paulo da Rocha, o desprezado de todos em Vila Bela, seria capaz de pegar em armas contra os cabanos? Senhor vigário, eu só lavei as minhas mãos de sangue dos inimigos da minha pátria, **dos algozes da minha raça**, vilipendiada e opressa. Eles eram fortes e poderosos. Nós, os rebeldes de 1817, tínhamos só do nosso lado a justiça da grande causa que defendíamos, causa da humanidade, causa do futuro! (SOUSA, 2005, p. 108, grifos nossos).

Assim, vivia com a constante desconfiança das pessoas em relação a ele, inclusive daquelas que ele ajudava a salvar a vida, a exemplo de Luis, como se percebe no trecho: “Franqueza, franqueza, não confiávamos muito no velho do outro mundo, apesar do que tinha feito por nós” (SOUSA, 2005, p. 120). Luis não deixava de ser a representação do homem branco ou o que herdou da educação dos brancos, cunhada na ignorância e no preconceito racial: “Apesar da simpatia que sentia pelo velho, as suas ideias, os seus sentimentos, contrariavam por tal forma os preconceitos da minha educação [...]” (SOUSA, 2005, p. 110). Pela passagem, observa-se que o discurso de Luis a respeito do negro, corrobora a ideia construída na arquitetura social burguesa de que para os negros os longos períodos de tirania “realizam-se com ampla ou total exclusão do negro e outras etnias, assim como os episódicos períodos de democracia realizam-se com alguma participação do negro e de outras etnias” (IANNI, 2005, p. 9), ou muitas vezes, sem os negros, delegando a eles silenciamento de suas vozes no processo de formação social.

Neste panorama, o que se depreende como uma das consequências do apagamento ou tentativa de apagamento da voz social do negro na sociedade é a presença do discurso permeado pelo preconceito (AMORIM, 2017). Luis tenta, por menor esforço que seja, desvencilhar-se desse tipo de sentimento, porém, a todo momento o preconceito aparecia meio disfarçado de admiração ou outro sentido qualquer de sentimento, mas sempre que se referia a Paulo da Rocha, era comum o chamar de ‘o mulato’, ‘o velho’, ‘o rebelde’, ‘homem de cor’, (SOUSA, 2005) o que

denota que o sentimento de preconceito estava enraizado e ele travava uma luta interna para entender os motivos de toda essa situação, e, dentre esses sentimentos desnorteados e confusos que Luis sentia por Paulo da Rocha, estava o medo do negro, “[...] minhas relações com o velho do outro mundo sofreram uma modificação considerável. Comecei por minha vez a ter-lhe medo” (SOUSA, 2005, p. 110); isso o leva a refletir sobre o repertório de posições conflituosas que “constitui o sujeito no discurso colonial. A tomada de qualquer posição, dentro de uma forma discursiva específica, em uma conjuntura histórica particular, é, portanto, sempre problemática” (BHABHA, 2013, p. 133).

Em tal caso, pode-se entender que Luis, enquanto sujeito branco burguês, não estava preparado dentro dos âmbitos sociais e ideológicos, para aceitar a presença de um negro como participante ativo de seu cotidiano, de sua vida, assim como as irmãs: Natividade e Perpétua do romance de Machado de Assis. Os *entre-lugares* sociais (BHABHA, 2013) não permitiam a mudança de categoria, deixando esses personagens burgueses brancos, desnorteados frente à ação dos negros, favorecida pela

globalização cultural figurada nos *entre-lugares* de enquadramentos duplos: sua originalidade histórica, marcada por uma obscuridade cognitiva; seu ‘sujeito’ descentrado, significado na temporalidade nervosa do transicional ou na emergente provisoriidade do ‘presente’ (BHABHA, 2013, p. 341, grifos do autor).

Nessa contextualização de sujeitos descentralizados e duplos, verifica-se que os brancos assumem mais este papel do que os negros, isso se deve ao fato das narrativas apresentarem os brancos como os desnorteados, sem certeza de suas próprias crenças e forças, o que os levam a buscar auxílio na cultura dos negros. Assim acontece com Natividade quando vai ao Morro do Castelo, bem como o faz a família de Luis, quando aceita a ajuda de Paulo da Rocha. Natividade e Guilherme da Silveira, brancos, burgueses, deixam a vida e o futuro dos filhos nas mãos dos negros.

Por outro lado, os negros ou mulatos como descrevem com mais precisão tanto Machado de Assis, quanto Inglês de Sousa suas personagens, respectivamente: Bárbara e Paulo da Rocha são sujeitos que reconhecem e valorizam sua identidade, mesmo com cargas negativas de sentido pejorativo, associada ao maléfico pelos brancos, já que “uma parte do pensamento social brasileiro – que funda políticas do poder público e dos setores dominantes- implica na criminalização de grupo e classes

sociais subalternas” (IANNI, 1988, p. 151), como a classe dos negros citados e de quem eles representam está até hoje inserida. E, nesse entre-lugar discursivo (BHABHA, 2013) de quem é branco ou de quem é negro, não recuam sua cultura, pelo contrário, encontram um jeito para reafirmá-la. Bárbara por meio de consultas esotéricas, Paulo da Rocha pela luta nos movimentos revolucionários de libertação ou em sua tranquilidade: “bem se notava que, de vez em quando, surpreendia-o uma perturbação profunda, mas que passava rápida e fugitiva para dar aquela tranquilidade de espírito, inexplicável para nós” (SOUSA, 2005, p. 120). Dessa forma, Paulo da Rocha exercia uma forte influência sobre Luis: “a meu pesar, o antigo ascendente que sobre mim exercia o pernambucano foi-se apoderando de novo do meu espírito. Comecei a ter confiança” (SOUSA, 2005, p. 115), semelhante à Cabocla do Castelo exercia sobre Natividade, no romance de Machado de Assis.

### **Notas conclusivas**

Logo, diante de algumas considerações discutidas sobre a representação do negro na Literatura desses dois autores, apontam-se algumas notas conclusivas: como a que se refere à ideia da presença do negro na sociedade e na Literatura brasileira, a qual pode ser esclarecida no presente, se repensar o passado e imaginar o futuro, partindo-se do pressuposto de que se pensar que o futuro pode ser o lugar da emancipação, da terra sem males ou do socialismo. “Cabe reconhecer que o negro contribui decisivamente para a invenção e a realização desse futuro” (IANNI, 2005, p. 10).

Tal premissa se faz necessária, promovendo uma desmistificação do descendente africano escravizado, marcado historicamente pela diáspora do preconceito pela divisão de classes e de religiosidade no exemplo desta análise, composta pela numerosa coletividade, dentre as várias etnias que são responsáveis pela distribuição das distintas nacionalidades e identidades que de forma tendenciosa atribuem ao negro condições sociais inferiorizadas, de classes e setores subalternos em locais de trabalho, produção e reprodução, colocando o negro como etnia e categoria “criada socialmente, na trama das relações sociais desiguais, no jogo das forças sociais, como as quais se reiteram e desenvolvem hierarquias, desigualdades e alienações” (IANNI, 2004, p. 143).

Se, na sociedade esta realidade se faz presente, bem verdade que na realidade ficcional do texto literário também se fez, visto que o procedimento mais corrente na Literatura, “com relação aos escravos, era a indiferença, quando não eram apontados como pobres vítimas (o que não era raro) ou ainda como criaturas dotadas de má índole, preguiçosas, feiticeiras, devassas” (TRÍPOLI, 2006, p. 104). E, esse imaginário representativo passa pela mentalidade dos habitantes ficcionais nas duas narrativas em estudo; tanto Bárbara, a vidente, quanto Paulo da Rocha, mesmo sem exercer a práticas inerentes ao universo mágico, acaba sendo rotulado pela insígnia da feitiçaria, quando as outras personagens insinuam que ele irá enfeitiçar as crianças.

Este estereótipo cunhado na figura do negro recai, grosso modo, pelo aspecto cultural do negro que é apresentado na Literatura como um “imaginário que se forma, articula e transforma no curso do tempo” (IANNI, 1988, p. 91), mas também enraizado na própria formação da sociedade brasileira. E, para descobrir a presença do negro na obra tanto de Machado de Assis, quanto de Inglês de Sousa ou de quaisquer outros escritores que permeiam suas análises por esta temática, corrobora-se a ideia de “é preciso ultrapassar o mapeamento demográfico, racial, sociológico ou ideológico” (IANNI, 1988, p. 93), que rotulam as comunidades negras no decorrer da História, sobretudo, as que tipificam o negro a práticas maléficas.

É evidente que ações ritualísticas fazem parte do panteão cultural da sociedade, partindo da teoria de que “a cultura é pública porque o significado o é” (GEERTZ, 2008, p. 9), sendo assim, ela está associada à ideia de que está a serviço de todos. Pela cultura se alicerça a ideia de que a diversidade de costumes no tempo e no espaço não é simplesmente uma questão de indumentária ou aparência, de cenários e máscaras de comediantes, “é também alimentar a ideia de que a humanidade é tão variada em sua essência como em sua expressão” (GEERTZ, 2008, p. 27), e por o homem ter e ser oriundo de diversos povos, a variedade cultural também o acompanha.

Nesse sentido, “a sociedade dos homens na terra não pode ser um fim em si. Sua disposição hierárquica, posto que rigorosa, não visa à permanência, nem quer o bem-estar no mundo” (HOLANDA, 1995, p. 34), não há lugar para culturas únicas de criaturas únicas, mas uma gama de lugares e costumes que devem ser inseridos e correlacionados uns aos outros para melhor o homem viver em sociedade. Isto posto,

não há uma cultura ou uma raça superior a outra, há culturas que devem ser respeitadas e compartilhadas ou que o homem crie melhores mecanismos e estratégias para que todas possam conviver juntas.

Portanto, conclui-se que essas duas personagens em análise: Bárbara e Paulo da Rocha representaram o seu lugar de fala, exemplificados nos textos literários por suas ações e comportamentos irreverentes e, mesmos considerados rebeldes por uma sociedade ainda organizada por valores morais e culturais do homem branco. E, apesar de inseridos nessa contextualização, foram duas personagens ousadas por não abandonarem suas crenças, seus valores e suas ideologias consideradas inferiores por aqueles que mandavam na conjuntura social. Logo, Bárbara e Paulo da Rocha defenderam e reafirmaram a cultura negra pelas singularidades de suas práticas, demonstrando-se negros com voz, força e engajamento na luta por suas causas, como formas de reivindicar melhores condições de vida para os negros na sociedade.

## Referências

ALVES, C. M. **A voz do narrador e da personagem através da memória em Machado de Assis e Milton Hatoum**. São Paulo: Paco Editorial, 2017, p. 176.

AMORIM, J. C. F. de. **Em busca de identidades: um percurso analítico-discursivo pelas narrativas de Inglês de Sousa**. 2017. 134 f. Dissertação de mestrado. (PPGCLC-Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura). Universidade da Amazônia (UNAMA), Belém.

ASSIS, M. de. **Esaú e Jacó**. São Paulo: Martin Claret, 2002. 208 p.

BETELLA, G. K. **Narradores de Machado de Assis**. São Paulo: Edusp/ Nankin, 2007, p.240.

BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila et al. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2013, p. 395.

BOSI, A. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 43 ed. São Paulo: Cultrix, 2006, p. 528.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. 1 ed. 13 reimpr. Rio de Janeiro: LTC, 2008, p. 323.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014, p. 58.

HOLANDA, S. B. de. **Raízes do Brasil**. 26 ed. 14 reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 220.

IANNI, O. Literatura e Consciência. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**. São Paulo, v. 28, p. 91-99, jun. 1988. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/70034/72674>. Acesso em: 27 mar. 2019.

\_\_\_\_\_. O negro e o socialismo. In: \_\_\_\_\_. [et. al.]. **O negro e o socialismo**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005. (Coleção Socialismo em Discussão). Cap. 7, p. 14.

\_\_\_\_\_. **Pensamento Social no Brasil**. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2004, p. 366.

PICHOIS, C. & ROUSSEAU, A. M. Para uma Definição de Literatura Comparada. Trad. Monique Balbuena. In: CARVALHAL, T. F. & COUTINHO, E. F. (Org). **Literatura Comparada. Textos Fundadores**. 2 ed. São Paulo: Rocco, 2011. Cap. 15, p. 230-233.

PROENÇA FILHO, D. A trajetória do negro na literatura brasileira. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 18 n. 50, p. 161-193, abr. 2004. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9980/11552>. Acesso em: 27 mar. 2019.

SOUSA, I. de. **Contos Amazônicos**. São Paulo: Martin Claret, 2005, p. 149.

TRIPOLI, M. J. **Imagens, máscara e mitos: o negro na obra de Machado de Assis**. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2006, p. 160.

Recebido em 27 de março de 2019  
Aprovado em 12 de agosto de 2019